

## AS ÁGUAS ENCHARCANDO DE POSSIBILIDADES AS PROBLEMATIZAÇÕES DAS INFÂNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADES

### *Eixo Temático 32 – Sexualidades e Gêneros na Educação das Infâncias*

Cláudia Maria Ribeiro<sup>1</sup>

#### Resumo

Este ensaio objetiva apresentar um artefato cultural encharcado de possibilidades para discutir as teorizações das infâncias, gênero e sexualidades. As dimensões teóricas advindas da estética de um aparato cultural podem inspirar discussões as mais diversas. O vídeo escolhido foi Arte em Movimiento de Eddie Maiden que fez-me acionar os estudos do imaginário das águas, tema de Bachelard (1998) que inspirou-se em ensaios de estética literária e fez respingar em mim tantas possibilidades de problematizações de aparatos culturais que navegam por este imaginário, especialmente na criação do Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidades (RIBEIRO, 2014) e, neste ensaio, problematizando infâncias, gênero e sexualidades.

Palavras-chave: imaginário das águas, aparatos culturais; infâncias.

#### Anos e anos de mergulhos

Quando as palavras água e encharcar aparecem no título deste texto há motivos muito especiais. O primeiro deles é que o imaginário das águas ensopa minha produção de conhecimento articulando infâncias, gênero e sexualidades (RIBEIRO ANDRADE, 2001; RIBEIRO, 2009; RIBEIRO, 2017; RIBEIRO, 2014).

As águas imaginárias são tema de Bachelard (1998), em *A Água e os Sonhos*, ensaio de estética literária, em que a maioria dos exemplos são tirados da poesia e da mitologia, objetivando determinar a substância das imagens poéticas. Para tanto o autor evoca imagens superficiais do elemento água dedicando-se às águas claras, às águas brilhantes que fornecem imagens fugidias e fáceis. Imaginar não é alienar-se, mas consiste numa abertura para o mundo.

---

<sup>1</sup> É Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutora pela Universidade do Minho – Braga, Portugal. Atualmente é professora Titular aposentada da Universidade Federal de Lavras. *E-mail:* ribeiro@ufla.br.

A simbologia da água comporta vida e morte, reflexo da alma, olho do mundo, conduz ao abismo da enxurrada e a serenidade dos lagos; dos pântanos sombrios a fontes cantantes, corre na seiva, dilui, dissolve e destrói. A água mede o equilíbrio, dá forma ao mesmo tempo em que é um elemento disforme, sugerindo o Caos que precede a formação do universo. Se cai como chuva, é benéfica, se salgada é estéril, se estagnada infecta, límpida atrai e mata a sede, fertiliza, salva e mata. Somos da água, e à água regressamos, viemos do líquido amniótico, a ele regredimos na imersão.

Assim sendo mergulhamos nos artefatos culturais para alagar nossas problematizações. Silva (2010, p. 134) diz que os estudos culturais e dessa forma a cultura, é encarada como um campo, um espaço, um terreno fértil nas possibilidades das lutas sociais, e ainda de que a cultura é campo de produção de significados e de subjetividades entre os grupos sociais. No ensino, na pesquisa e na extensão os artefatos culturais inundam de possibilidades o borbulhar de questionamentos.

Zanella e Sais (2008, p. 685) falam das múltiplas combinações:

que quem cria o faz a partir de um complexo processo em que aspectos da própria realidade são descolados dentre uma infinidade de possíveis, e combinados de múltiplas maneiras. O inusitado está nas infindáveis possibilidades de decomposição, de recortes de fragmentos daqui e dali que são recompostos em novas combinações, em produções inovadoras, decorrentes tanto do que intencionalmente se produz quanto dos acasos, dos encontros inesperados que surpreendem com o que emerge.

As pedagogias culturais estão aí para que naveguemos em seus imaginários. O Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1998) traz uma profusão de significados. Especialmente em relação ao imaginário das águas, ele persiste na imaginação das pessoas e perpassa temas tais como fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência; sagrado e profano, pureza e impureza, agitação e calma, prazer e mortificação, feminino e masculino, úmido e seco, vida e morte, criação e destruição (RIBEIRO ANDRADE, 2001, p. ix).

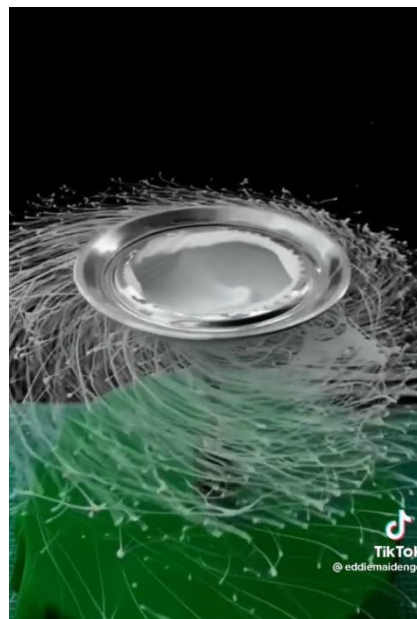
Escolhas difíceis

Que artefato cultural escolher para, em poucas palavras, falar de temas que “possuem a potência de uma explosão de vários megatons” (GALLO, 2016, p. 11). A escolha recaiu no vídeo Arte em Movimento de Eddie Maiden<sup>2</sup>.

Falar de infâncias, sexualidades e gênero é falar de movimento – de deslocamentos, de mobilidades, de afastamentos. Larrosa (1999) instiga a pensar o conceito de infância:

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. A infância, desse ponto de vista não é outra coisa senão o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa apreendida por um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou a usuária de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou às suas demandas. Nós sabemos o que são as crianças, ou tentamos saber, procuramos falar numa língua que as crianças possam entender quando tratamos com elas, nos lugares que organizamos para abrigá-las” (LARROSA, 1999, p. 184).

As imagens do vídeo que capturei e apresento abaixo, instigam a refletir sobre a infância cujo conceito foi se transformando no decorrer dos anos, objeto de estudos de várias áreas do saber. Como as águas destas imagens: qualquer intervenção modifica o que se vê. Deslocando para os conceitos de infância, cada pensamento pode gerar concepções outras e gerar metodologias em processos educativos.



---

<sup>2</sup> @eddiemaidengdl

O mesmo ocorre com as concepções de gênero e de sexualidades das crianças. Historicidade, processos de produção de verdades e a força do conceito foucaultiano de dispositivo da sexualidade<sup>3</sup> que, se fizermos a analogia com as imagens do vídeo, inserimos ideias que movimentarão as águas paradas.

Quanto respingo das águas e a produção de diferentes imagens quando o que cai na água parada são as ideias que essencializam, generalizam e naturalizam conforme a teoria de Constantine e Martisson (1984), Freud (1997), Jagstaidt (1987). Essa teorização caiu com força nas águas e se transformou em delimitação de fases, de estágios, de períodos, de etapas. Quando o choque nas águas é do referencial com as ideias de Larrosa (1999) que diz da “presença enigmática da infância” sem propostas de decifrá-la o movimento que se gera é outro. E, além dos conceitos de infâncias e sexualidades, respingam também o conceito de gênero que “passa a focalizar exatamente o caráter construído dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres” (MEYER, 2003, p. 7).

O vídeo, portanto, inspira nossos movimentos: “Os meios de mudar a vida e de criar um novo estilo de atividade, de novos valores sociais estão ao alcance das mãos. Falta apenas o desejo e a vontade política de assumir tais transformações” (GUATTARI, 2012, p. 154).

### Movimentos finais

Este ensaio mergulhou em um aparato cultural para dizer das possibilidades de problematizações, no caso, das infâncias, gênero e sexualidades.

Na formação inicial e continuada de educadoras e educadores, a escolha de um aparato cultural pode gerar infinitas discussões.

No corpo deste texto citei Zanela e Sais (2008) que falam que o “inusitado está nas infindáveis possibilidades de decomposição, de recortes de fragmentos daqui e dali que são recompostos em novas combinações” (p. 685). Reafirmo que as discussões a serem efetivadas

---

<sup>3</sup> A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2006, p. 116, 117)



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade  
IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

dependerão do referencial teórico – do que diz um livro de psicologia infantil; um estudo sociológico; bibliotecas inteiras que contêm tudo o que sabemos das crianças (LARROSA, 1999, p. 183).

Assumo discutir as infâncias, gênero e sexualidades considerando o referencial teórico que fala da infância como um outro “aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (Idem, p. 184).

Haja teorizações que movimentem as águas paradas.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 12<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CONSTANTINE, Larry & MARTINSON, Floyd M. **Sexualidade Infantil Novos Conceitos**. Novas Perspectivas. São Paulo: Roca. 1984.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 17<sup>a</sup>. Edição. 2006.
- FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- GALLO, Sílvio. Infâncias e sexualidades: uma leveza insuportável? In: RBEIRO, Cláudia Maria e ALVARENGA, Carolina Faria. **Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais**. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2016.
- GARCIA, Loreley. **Água em três movimentos**: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas. Gaia Scientia, v. 1, n. 1, 2007.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. São Paulo: Editora 34, 2012. 2<sup>a</sup>. Ed.
- JAGSTAIDT, Vèronique. **A Sexualidade e a Criança**. São Paulo: Manole, 1987.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.



MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação. Teoria e Política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELNER, Silvana. **Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo em educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIBEIRO, Cláudia Maria. O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo. **Educar em Revista** (Impresso), v. 35, p. 107-121, 2009.

\_\_\_\_\_. Águas encantadas: gênero e sexualidade no imaginário ribeirinho caboclo.

**INTERMIO** (UFMS), v. 23, p. 153-170, 2017.

\_\_\_\_\_. **Museu imaginário das águas, gênero e sexualidade**. Endereço:

<https://imaginariodasaguas.com.br> 2014. Acesso em 27/07/2022.

RIBEIRO ANDRADE, Cláudia Maria. **O imaginário das águas, eros e a criança**.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 218. 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo**. 2ª. e 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 2010.

ZANELLA, Andrea V.; SAIS, Almir P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. **Análise Psicológica**, 26(4), 679-687. 2008.